

Se o Menino falasse... Por Juliana Fernandes Gontijo.

Cida era uma cozinheira muito amada na escola onde trabalhava. Brincalhona com as crianças, ótima colega e bastante elogiada pelos diretores, a mulher, mesmo sem querer, sempre se destacava em qualquer tarefa. Era casada com Mário, dono do botequim da rua principal do distrito Belo Monte das Palmeiras, porém nunca desejou ter filhos. Quando alguém lhe fazia uma pergunta sobre o assunto, a resposta era a mesma:

— As 200 crianças da escola são meus filhos. Adotei todas elas.

O distrito inteiro conhecia a cozinheira. Era amada por todos. Saía pelas ruas conversando com os animais e as flores. Muitas vezes, Mário sentia até ciúmes da esposa, tamanha a fama de Cida. Ele costumava brincar com os clientes do botequim:

— Eita! Um dia ainda vou perder a minha Cida para esse Belo Monte! Se aqui tivesse prefeito, ela seria eleita com certeza.

Era só um ciúme bobo de marido. Ele sabia da fidelidade da esposa e também ele era muito fiel no casamento.

Em casa, Cida ainda tinha Cidão, um cachorro grande daqueles “rasga-saco”, resgatado numa cheia do rio e o gato preto, Pequitito. Este era o famoso ex-ladrãozinho da ração de Cidão. Parece que o cão tinha dó da fome do bichano e, com o tempo, passou a deixar um pouco de comida para o coleguinha intruso. Rapidamente, os dois fizeram amizade. Como Cida também teve dó do gato, logo o adotou.

Um dia, numa conversa com Mário, deixou bem claro que não queria mais criações em casa:

— Meu bem, bichos em casa? Não quero mais! Você sabe que gosto muito, mas para mim, já chega.

— Você é quem dá a palavra final, minha linda! Eu só obedeco. Mas sempre coloca uma ração para a cachorrada da rua! Depois acha ruim que eles vêm te acompanhando? Deu até nome para todos os cinco da turma lá da praça. Berê, Bitelo, Tocão, Simba...

— E precisa me lembrar?

— Claro! Depois vem a turminha atrás e você fecha o portão como se nada tivesse acontecido. Mas adora quando o Menino vem correndo junto, né?

— Você sabe que não é isso, Bonitão! É que eu gosto de conversar com eles. Tadinhos! Sabe que fico revoltada com quem faz mal a esses bichinhos. Devia ser todo mundo preso, isso sim.

— Sei... E você sempre fala no Menino.

Cida fingiu não ouvir o marido falar e foi para o quintal “bater um papo” com Cidão e Pequitito.

Alguns dias depois dessa conversa, a cozinheira saiu mais cedo para o trabalho e tomou um susto na rua de cima. O menor cãozinho da praça estava agonizando na esquina.

— Menino do céu, o que foi que te aconteceu? Que diabos fizeram com você, Menininho? Pelo amor de Deus!

“Menino - Menininho” foi o apelido que a cozinheira deu ao menor de todos os cachorros abandonados da praça.

Ela estava revoltada! Ele não parava de chorar. Os olhos estavam marejados. O animal tinha o pelo das costas perto do rabinho todo queimado. Parecia que alguém tivesse jogado água, óleo quente ou ateado fogo no cachorro.

O cão olhava para Cida como se pedisse ajuda. Ela ficou arrepiada de tristeza, porém com muita raiva do ser vivo, infelizmente conhecido como ser humano. Quem poderia ter feito tamanha crueldade com um animal que não fazia mal a ninguém?

Ela raciocinou rápido. Pegou o próprio casaco, mesmo sentindo muito frio naquela manhã de junho, e enrolou Menino. Chegou em casa, correndo. O marido havia ido ao centro da cidade para fazer compras. Ligou para a escola e avisou à direção que não iria trabalhar naquela manhã:

— Estou com um problema em casa, depois eu explico.

— Você tem folgas a tirar, Cida. Não se preocupe. — Disse uma pessoa do administrativo da escola.

A mulher ofereceu um pouco de ração para Menino, além de água. Ele, no entanto, não queria comer. Certamente estava sofrendo muito. Pequetito e Cidão perceberam logo que o cão estava em apuros e ficaram quietos, somente observando a cena.

Cida ligou para o veterinário:

— Carlos, lembra do Menino - Menininho? Aquele vira-lata, que parece de cruzamento com Shih Tzu, do pelo preto e cacheado? Algum bandido deve ter ateado fogo nele. Acho que vai morrer. Pelo amor de Deus, ajude o Menino! — Gritava, desesperada, ao telefone.

— Venha aqui agora! Traz o Menino - Menininho.

Cida o levou ao veterinário. Carlos ficou revoltado com tamanha crueldade. O cachorro chorava, estava praticamente sem forças. Ele medicou o animal, mas aconselhou que Menino passasse dois dias na clínica.

Ela o deixou sob os cuidados do rapaz, mas saiu do consultório, desolada. Cida não poderia apenas cuidar de Menino e depois soltá-lo na rua novamente. E como pegar mais um cachorro. As despesas aumentariam: “Não tenho muito dinheiro, mas e se ele morrer? Ou a mesma pessoa lhe fizer outro mal?” Não! Ela estava disposta a procurar alguém que pudesse adotá-lo. Iria ajudar somente na recuperação.

Passados os dois dias, “Menino - Menininho” já estava bem melhor. Era visível que ele ainda sentia dores, mas estava bem-disposto, comendo normalmente. Quando viu a cozinheira, latia de felicidade, abanava alegremente o rabinho, mesmo com dificuldade! Era como se ele dissesse: “Obrigado. Se não fosse você, eu iria morrer.” Carlos não quis cobrar pelo serviço. Deu alta para o Menino e ela o levou para casa.

Mário nada falou, apenas aceitou o cachorro como se ele já fosse da família.

— Não vou ficar com ele, não. É só até ele sarar, viu?

— Eu não disse nada, minha linda. É você quem está falando.

Aonde ia a cozinheira, o cãozinho corria atrás dela. À noite, quando estava assistindo à novela, “Menino - Menininho” só queria colo. O marido apenas observava.

Na hora de dormir, ele queria, de todo jeito, deitar-se com eles.

— Aí já é demais, né, Cida?

Ela foi dormir no sofá. Menino se ajeitou debaixo das cobertas quase lhe mordendo a orelha.

No meio da madrugada, ela gritou e Menino se assustou, começando a latir:

— O quê? Um cachorro falando? Pedindo pelo amor de Deus para que eu fique com ele?

— Cida levantou, desesperada.

O marido chegou à sala:

— Minha linda, você estava dormindo. Foi só um pesadelo.

Cida estava pálida de susto:

— Meu bem, Menino falou comigo!

— Cida, você está maluca por causa desse cachorro. Minha linda, você estava até roncando.

— Ele me pediu para a gente ficar com ele!

— Ei, mulher, você estava dormindo. Se quiser ficar com ele, tudo bem, mas não coloque a culpa no seu sonambulismo. Você fala um monte de bobagem todas as noites e eu só fico rindo.

Menino parecia entender bem o que o casal conversava. Ia ficando amuado, pois eles pareciam discutir por sua causa. Abaixou as orelhas e, com muita dificuldade, desceu do sofá.

Cida e Mário ficaram mudos. Ele havia entendido que não era bem-vindo naquela casa.

Ao perceberem a tristeza de Menino e que ele poderia estar em perigo com o provável agressor nas redondezas, preferiram adotá-lo. Ele estaria mais seguro e, após curado das lesões, seguiria a vida como um bichinho adotado.

Cida o chamou:

— Vem cá, Menininho! Você agora vai morar aqui em casa comigo!

Ao ouvir isso, o cachorro pulou no colo da mulher e começou a lambê-lo o rosto em forma de agradecimento. Cida ficou emocionada com o carinho de Menino. Aquilo era um reconhecimento. Então, tirou uma lição daquela história. Os animais, muitas vezes, são mais gratos e mais humanos que muitas pessoas. Ele sentiu que o gesto de Cida era um amor de verdade.

Mário chamou Cidão e Pequitito. Nos primeiros minutos, eles ficaram um pouco arredios, mas Cida foi com cuidado para a aproximação. Como Menino era pouco maior que Pequitito, não houve muito problemas entre eles. Era somente uma questão de adaptação. Os dois perceberam, rapidamente, que era mais um membro "para a família".

Na semana seguinte, todo o distrito já sabia da história de Menino. Todos queriam brincar com ele. Totalmente curado da queimadura, mas com os pelos ainda esturricados, ele corria pela praça, dava uma volta no botequim do Mário. Ia até a escola e ficava esperando Cida do lado de fora do portão até que ela saísse do trabalho.

Havia apenas uma pessoa no Belo Monte de quem Menino não gostava. Tião, carpinteiro e morador nos fundos do boteco, não podia passar nem do outro lado da rua quando Menino estava por perto. O cachorro ficava enfurecido.

Tião seria realmente seu desafeto? Teria ele abandonado Menino quando filhote ou ateado fogo no cãozinho na rua de cima da casa de Cida? Se Menino falasse...

Provavelmente, todos iriam saber a resposta!
